

to de vista arquimediano escolhido, voluntária e explicitamente, fora da Terra.

— 2 —

A Expressão *Vita Activa*

A expressão *vita activa* é perpassada e sobrecarregada de tradição. É tão velha quanto a nossa tradição de pensamento político, mas não mais velha que ela. E essa tradição, longe de abranger e conceitualizar todas as experiências políticas da humanidade ocidental, é produto de uma constelação histórica específica: o julgamento de Sócrates e o conflito entre o filósofo e a *polis*. Depois de haver eliminado muitas das experiências de um passado anterior que eram irrelevantes para suas finalidades políticas, prosseguiu até o fim, na obra de Karl Marx, de modo altamente seletivo. A própria expressão que, na filosofia medieval, é a tradução consagrada do *bios politikos* de Aristóteles, já ocorre em Agostinho onde, como *vita negotiosa* ou *actuosa*, reflete ainda o seu significado original: uma vida dedicada aos assuntos públicos e políticos.³

Aristóteles distinguia três modos de vida (*bioi*) que os homens podiam escolher livremente, isto é, em inteira independência das necessidades da vida e das relações delas decorrentes. Esta condição prévia de liberdade eliminava qualquer modo de vida dedicado basicamente à sobrevivência do indivíduo — não apenas o labor, que era o modo de vida do escravo, coagido pela necessidade de permanecer vivo e pela tirania do senhor, mas também a vida de trabalho dos artesãos livres e a vida aquisitiva do mercador. Em uma palavra, excluía todos aqueles que, involuntária ou voluntariamente, permanente ou temporariamente, já não podiam dispor em liberdade dos seus movimentos e ações.⁴ Os três modos de vida restan-

3. Veja-se Agostinho, *De civitate Dei* xix.2, 19.

4. William L. Westermann («Between Slavery and Freedom», *American Historical Review*, Vol. L (1945)) afirma que o «enunciado de Aristóteles... de que os artífices vivem numa condição de escravidão limitada, significa que o artífice, ao fazer um contrato de trabalho, dispunha de dois dos quatro elementos de seu status de homem livre (viz., liberdade

Faraday (responderlo) iguale:
e qual é a utilidade de le necessário

tes têm em comum o fato de se ocuparem do «belo», isto é, de coisas que não eram necessárias nem meramente úteis: a vida voltada para os prazeres do corpo, na qual o belo é consumido tal como é dado; a vida dedicada aos assuntos da *polis*, na qual a excelência produz belos feitos; e a vida do filósofo, dedicada à investigação e à contemplação das coisas eternas, cuja beleza perene não pode ser causada pela interferência produtiva do homem nem alterada através do consumo humano.⁵

A principal diferença entre o emprego aristotélico e o posterior emprego medieval da expressão é que o *bios politikos* denotava explicitamente somente a esfera dos assuntos humanos, com ênfase na ação, *praxis*, necessária para estabelecê-la e mantê-la. Nem o labor nem o trabalho eram tidos como suficientemente dignos para constituir um *bios*, um modo de vida autônomo e autenticamente humano; uma vez que serviam e produziam o que era necessário e útil, não podiam ser livres e independentes das necessidades e privações humanas.⁶ Se o modo de vida político escapou a este veredicto, isto se deve ao conceito grego de vida na *polis* que, para eles, denotava uma forma de organização política muito especial e livremente escolhida, bem mais que mera forma de ação necessária para manter os homens unidos e ordeiros. Não que os gregos ou Aristóteles ignorassem o fato de que a vida humana sempre exige

de atividade econômica e direito de ir e vir), mas por vontade própria e temporariamente»; fatos citados por Westermann demonstram que a liberdade, na época, era concebida como consistindo em «status, inviolabilidade pessoal, liberdade de atividade econômica e direito de ir e vir» e que, conseqüentemente, a escravidão «era a ausência destes quatro atributos». Aristóteles, ao enumerar os «modos de vida» na *Ética a Nicômaco* (i.5) e na *Ética a Eudemo* (1215a35 ff.), nem chega a mencionar o modo de vida do artífice; para ele, é óbvio que um *banaios* não é livre (cf. *Política* 1337b5). Menciona, porém, o modo de vida do «ganhador de dinheiro» para rejeitá-lo, uma vez que também é «adotado sob compulsão» (*Ét. a Nic.* 1096a5). Na *Ética a Eudemo*, fica salientado que o critério é a liberdade: ele enumera somente aqueles modos de vida escolhidos *ep' exousian*.

5. Para a oposição entre o belo e o necessário e útil, veja-se *Política* 1333a30 ff., 1332b32.

6. Para a oposição entre o que é livre e o que é necessário e útil, veja-se *Política* 1332b2.